

# ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa  
Edição *ne varietur*

SEGUNDO  
LIVRO DE  
CRÓNICAS



DOM QUIXOTE



Para Margarida da Beira Cardoso  
de Melo Machado de Almeida Lima,

a Avó Querida

## **Não foi com certeza assim mas faz de conta**

Do que eu mais gostava na Beira Alta era da surdez do meu avô. Usava uma espécie de auscultadores de que saía um fio entrançado que terminava na pilha

enorme

no bolso de cima, e dava-me ideia, pela expressão atenta, de estar sempre a comunicar com os anjos ou essas vozes sem corpo que julgava perceber nos pinheiros e ele decerto escutava. A nós, aos terrenos, não nos ouvia nunca: a minha avó gritava-lhe por sinais que estávamos ali, o meu avô olhava para baixo, sorria, principiava um gesto na nossa direcção de que se esquecia logo, chamado pelos pinheiros ou por alguma urgência celeste. De pessoa tinha pouco: não me lembro de o ver rir, de o ver comer: ou permanecia calado na varanda para a serra ou então lia o jornal, que chegava no comboio do meio-dia e era necessário ir buscar à estação. De casaco de linho branco, encostado a um pilar, voltava as páginas num ruído de pombos sem que a sua expressão mudasse uma só vez. Se calhar nem lia: demorava-se nas notícias o tempo necessário para pensarmos que lia, esquecia-se das folhas numa cadeira de lona e descia para a vinha sem pisar os socalcos, na leveza distraída dos serafins. A sua presença era uma silenciosa ausência que cheirava a brilhantina: ao fim da tarde, depois do banho

(puxava-se a água do poço com uma bomba e o chuveiro era um balde com buraquinhos)

deixavam-me pôr no cabelo uma gota desse creme branco que me endurecia as madeixas e me embalsamava de um perfume de Paraíso. Contrariamente ao que eu pensava os sons da casa não diminuíam de intensidade

(os castanheiros continuavam a estalar nas janelas)

nem os anjos se interessavam por mim. Jantava de pijama, amuado com Deus.

Não me recordo de o meu avô fazer fosse o que fosse a não ser levar. De tempos a tempos introduzia um cigarro na boquilha e fabricava nuvens com a boca. Talvez a construção de nuvens constituísse o seu trabalho essencial: as criadas chamavam-lhe senhor engenheiro. Para mim os engenheiros erguiam pontes e prédios. O meu avô, mais dado às coisas sem peso e à falta de substância da matéria, preferia o que, de gasoso, obedece aos caprichos do vento. As suas caravelas de fumo, perfeitas, rigorosas, navegavam setembro inteiro para oeste, transportando os patos bravos e o verão consigo. Cansado de tecer o outono o meu avô adormecia na poltrona da sala.

Da mesma maneira que me não recordo de ele fazer fosse o que fosse também não me recordo de cumprimentar ninguém. As visitas iam e vinham, nós íamos e vínhamos, os jornais amarrotavam-se no caixote do lixo anunciando o dia seguinte

(a partida dos jornais para o caixote do lixo anunciava os amanhã)

e o meu avô permanecia, silencioso e ausente, ora a dormir na poltrona ora a edificar nuvens na varanda, única coisa imutável num mundo onde até as árvores morriam. O mesmo casaco de linho branco, o mesmo creme branco, o mesmo cabelo branco, o mesmo sorriso branco, distraído e, parece-me hoje, tantos anos depois, um pouco triste, o que se compreende porque no Céu do catecismo a alegria era cavernosa e lúgubre, e o latim

(língua oficial das sacristias)

um esperanto difícil. Passar o tempo inteiro de auscultadores, a receber declinações, deve maçar. Quando fiz doze anos o meu avô morreu e a Beira Alta acabou. Ignoro o que aconteceu ao casaco e à boquilha das nuvens mas encontrei muito mais tarde o aparelho de ouvir, num desses armários de inutilidades onde se amontoa o passado: álbuns, cartas, restos de xícaras, chaves desemparelhadas, selos exóticos, virgens fosforescentes que perderam a auréola, tudo o que

permitirá, aos arqueólogos futuros, reconstituírem-nos de acordo com um lixo de cacos, pensando que andámos para trás em relação à época das galeras. Quando muito o aparelho de ouvir intrigá-los-á como me intriga a mim. Colocarão os auscultadores nas orelhas (como eu coloco os auscultadores nas orelhas) a pilha enorme no bolso de cima (como eu a pilha enorme no bolso de cima) ligarão as duas coisas com o fio entrançado (ligo as duas coisas com o fio entrançado) e darão fé, atónitos (dou fé, atónito)

do murmúrio antiquíssimo dos pinheiros e do diálogo dos serafins. O resto será o eco da bomba de água a permitir-me o banho, talvez a visão fugitiva de uma criança empastada em brilhantina que negocia com a mãe a sopa do jantar, comida a troco de uma dose dupla de pudim. E, com um pouco de sorte, pode ser que um senhor surdo a fabricar nuvens numa varanda para a serra e a ir-se embora com elas e os patos na direcção do outono. Hoje o surdo sou eu. E o feijãozinho que a medicina moderna me colocou no ouvido apenas me traz ruídos ampliados de garagem em noites de insónia e os guinchos distorcidos do universo. Tenho de voltar o mais depressa possível à Beira Alta e encontrar os anjos. Com um casaco de linho branco e uma boquilha tomar-me-ão pelo meu avô e perguntarão, em latim, se estou bem. Não sei como se responde

— Vamos indo

mas substituo as palavras por um encolher de ombros e um dedo apontado aos destemperos da vesícula. A seguir leio o jornal, acendendo um cigarro e tento uma nuvenzinha desastrada: aos cinquenta e sete anos chegou a altura de partir também, a caminho do outono, abandonando no armário das inutilidades uma dúzia de livros, que são as chaves desemparelhadas que possuo. Não se pode abrir nada com elas a não ser portas que deixaram de existir.

Aquilo a que costumamos chamar circunstâncias e não passa, muito simplesmente, do que consentimos que a vida e as pessoas nos façam, obrigaram-nos cada vez mais a reflectir sobre si mesmo. Aos vinte anos julgava que o tempo lhe resolvia os problemas: aos cinquenta dava-se conta de que o tempo se tornara o problema. Jogara tudo no acto de escrever, servindo-se de cada romance para corrigir o anterior em busca do livro que não corrigiria nunca, com tanta intensidade que não lograva recordar-se dos acontecimentos que haviam tido lugar enquanto os produzia. Esta intensidade e este trabalho faziam que não sofresse outra influência que não fosse a sua nem erigisse como modelo nada fora de si, embora o tornassem mais sozinho do que um casaco esquecido num quarto de hotel vazio, enquanto o vento e a desilusão fazem estalar, à noite, a persiana que ninguém fechou. Não conhecendo a tristeza sabia o que era o desespero: o próprio rosto no espelho para a barba da manhã, ou antes não um rosto, pedaços de rosto reflectidos numa superfície inquieta, incapazes de construir o presente, devolvendo-lhe fragmentos soltos de passado que se não ajustavam

(tardes no jardim, bibes, triciclos)

e transmitindo mais um sentimento de estranheza que uma lembrança comovida, o qual ajuizava para ajudar a sonhar os que não tinham coragem de sonhar sem ajuda. À ética de consumo dos outros contrapunha uma ética de produção, não por qualquer espécie de virtude

(não possuía virtudes)

mas por incompetência de utilizar os mecanismos práticos da felicidade. O desprezo pelo dinheiro derivava de uma malformação sem parentesco algum com o amor da pobreza. Considerava a conta no banco como os livros desinteressantes empilhados no fundo da casa: qualquer dia, num impulso de higiene, venderia as notas a peso.

O apreço dos jovens escritores e dos aspirantes a escritores que lhe enviavam manuscritos e cartas confundia-o: como entender que houvesse mulheres e homens dispostos a existirem, quotidianamente, na aflição e na angústia? Nunca decidira fazer livros: qualquer

coisa ou alguém impunha-lhe que os fizesse e dava graças a Deus que aqueles de quem gostava fossem criaturas livres e o considerassem com essa espécie de indulgência que se sente em relação a quem perdeu um braço ou uma perna ao serviço de uma causa insensata. Os amigos tinham tendência a guiá-lo com a mão amável com que se conduz um cego, avisando-o dos desníveis da rua, certos que uma inocência desamparada o habitava deixando-o, indefeso, à mercê de quase tudo e principalmente de si próprio. Se pudessem tiravam-lhe os atacadores e o cinto como se faz aos presos a fim de o impedir de escapar-se sabe-se lá para onde ou de morrer por descuido, dado que não distinguia o açúcar da areia nem os diamantes do vidro, ocupado como andava a gravar as palavras tão profundamente que se pudessem ler, como Braille, sem o auxílio dos olhos. Que o dedo corresse pelas linhas e sentisse o fogo e o sangue. Para que sentissem o fogo e o sangue tornava-se necessário que ele ardesse e sangrasse. Saberiam os aspirantes a escritores o que se paga por uma única página? A diferença entre o puro e o impuro? Quando se deve trabalhar e quando se deve parar de trabalhar? Que o sucesso nada vale, primeiro porque já estamos noutro lado e segundo porque as qualidades são, quase sempre, defeitos disfarçados e é desonesto satisfazermos-nos com que nos louvem pelos nossos defeitos habilmente escondidos? Saberiam os aspirantes a escritores que não alcançar o que queremos é, no melhor dos casos, o nosso amargo triunfo? Que o romance acabado nos deixou demasiado exaustos para nos trazer alegria e que o pavor de não conseguir o próximo livro começa, logo de imediato, a perturbar-nos?

Tardes no jardim, bibes, triciclos. Agora que o tempo resolveu os problemas e se tornou

ele, o tempo

o problema, reparou que as filhas se transformaram em mulheres e era noite. Mas, com um pouco de sorte, talvez deixasse atrás de si não um rastro, não a sua sombra, não uma memória: somente aquilo que, de mais profundo, em si escondia: o que tinha a mais que os restantes. E então, quando chegasse a hora, poderia deitar-se

em paz, fechar os olhos, dormir: finalmente tornara-se apenas igual a vocês.

## Nós dois aqui a ouvir cair a chuva

Novembro é um mês difícil: foi o mês em que morreu a tua mãe e perdemos o cão. A tua mãe a gente esperava mais ou menos, com a idade dela e os diabetes. O médico aconselhou

— Tomem cuidado com o frio

aumentámos-lhe os cobertores da cama, arranjaste um xaile grosso, comprámos um calorífero a petróleo que empurrámos para o lado da poltrona

— Agora veja lá

reforçámos as canjas mas claro, oitenta e três anos são oitenta e três anos, a tua mãe via mal, tropeçou no calorífero, partiu o osso da perna, nas urgências foram avisando logo

— Isto do osso da perna vai ser um problema

ainda voltou para casa, cobertores, xailes, e resta-nos a consolação de ter falecido quentinha. Pode parecer estranho mas sem ela a sala aumentou.

Na semana seguinte o cão. Não estava velho nem diabético. Eu levava-o a fazer chichi às segundas, quartas e sextas, tu ocupavas-te da bexiga do animalzinho às terças, quintas e sábados, aos domingos íamos juntos, de braço dado, para uma olhadela às montras do bairro, tu com a trela, eu a assobiar-lhe

— Benfica

distraímo-nos no estabelecimento de candeeiros a tentar ver o preço de um lustre

— Não é o da direita, é o da esquerda, Henrique

numa etiqueta que baloiçava no meio dos pingentes, esquecemos o Benfica por um segundo, a farejar os pneus de um carro parado adorava farejar pneus

e a paixão pelos pneus foi a perdição dele: apesar das instruções que lhe dávamos sempre antes de descer as escadas

— Cuidadinho Benfica

quis farejar as rodas de um automóvel por acaso em movimento, ouvimos um estronozito mole e acabou-se. A tua mãe e o cão, de-

funtos, possuíam como que um ar de família, chamei-te a atenção ao debruçarmo-nos para o bicho na rua

— Não dá ares da tua mãe, Irene?

concordaste comigo a assoar desgostos, o dono do automóvel para a gente

— Eu não tive culpa, eu não tive culpa

tu a apontares-lhe o cão

— Dá ares da minha mãe, sabia?

o do automóvel de boca aberta, e a camioneta do lixo levou-o nessa madrugada. A sala aumentou ainda mais, e como não temos ninguém para passear no bairro deixámos de olhar as montras.

Portanto estamos sozinhos. Há a fotografia da tua mãe na cómoda e a trela do cão na gaveta, de vez em quando observamos a fotografia ou abrimos a gaveta para tocar na trela e todavia estamos sozinhos. Ficamos sentados nos lugares do costume, fazes crochet na cadeira de baloiço, finjo que leio o jornal no sofá, um silêncio muito grande entre nós e, com um bocado de sorte, a chuva lá fora. Ao ouvirmos cair a chuva sobes os olhos do crochet

— Dás pela chuva, Henrique?

subo os olhos do jornal a acenar que sim, e ficamos a contemplar a janela onde as gotinhas escorregam, aclaradas de viés pelas lâmpadas do passeio. Pelo menos falámos. Pelo menos disseste

— Dás pela chuva, Henrique?

pelo menos acenei que sim do jornal, pelo menos, por um momento, estivemos acompanhados. Somos pessoas discretas, incapazes de exageros, de conversas, de emoções inúteis. Julgo que foi isso que nos uniu, a timidez e a ausência de lágrimas. Ainda bem. Acho que ainda bem para nós. Casámos há trinta e sete anos e nunca discutimos. Para quê? E depois existem momentos assim, a seguir ao jantar, em que principia a chover e nós aqui dentro, em paz, quase felizes. E escrevo quase felizes porque para escrever felizes seria preciso que a chuva fosse tão forte que arrancasse o prédio do lugar e o arrasasse consigo na direcção do Tejo o que, é evidente, não acontecerá nunca. Talvez seja melhor: o verão, graças a Deus, passa num ai, e

daqui a nada novembro de regresso. Perderemos de novo a tua mãe, de novo perderemos o cão. Não tem importância. Como tu me explicaste umas coisas valem por outras e temos o consolo da chuva. Perguntar-me-ás

— Dás pela chuva, Henrique?

acenarei que sim, e durante um momento somos dois, e durante um momento, palavra, podia escrever em nome de ambos, eliminando o quase, que nos sentimos felizes.

## Quem me assassinou para que eu seja tão doce?

O dedo imenso e estúpido do professor primário a procurar-me entre as carteiras a pretexto dos afluentes da margem esquerda do Tejo; a paciência da minha tia tentando ensinar piano

Schmoll

às minhas mãos sem graça; o jardineiro que matava pardais estrangulando-os atrás das costas a rir-se para mim; a menina por quem me apaixonei aos dez anos, que ia ser dentista e morreu antes disso, nos lençóis de ferro de um automóvel atrocemente amarrotados sobre uma cama de estofos, rodas, chassis: qual destas coisas me assassinou primeiro? Será difícil sofrer ou apenas uma banalidade desagradável para os outros como a velhice e a doença? Retiraram a menina, então com vinte anos, do seu colchão abraçado a um plátano e ia jurar que a boca dela

— António

quando a boca dela nada, essa indiferença dos finados a que chamamos sorriso e não é sorriso algum, é um alheamento vítreo, uma quietude irritante. Não pretendo senão o impossível: um menino que me acena, um barco que chega, martelar com a mão esquerda, saber dançar o tango, distinguir-te ao longe, no aeroporto, à minha espera. A minha tia ensinava-me solfejo, regulava o metrónomo e aquele dedo, imenso e estúpido também, para a direita e para a esquerda numa teimosia cardíaca. No restaurante os amigos do costume falam, falam. De quê? Deixei de ouvi-los quando um casal de reformados entra: levaram que tempos a sentar-se, os joelhos molas de canivete cujas lâminas, coitadas, lá se dobram a custo. Quando um deles falava aos gritos o outro colocava a palma em concha na orelha. A esposa pediu que lhe guardassem o resto do jantar num saco de plástico, para o cãozinho que fica em casa a raspar a porta com as unhas, desesperado, pingando chichis aflitos no tapete. No apartamento deles aposto que trastes, sombras, revistas muito antigas. Talvez só não precisem da mão em concha na orelha para escutar o metrónomo. Como se engomam lençóis de ferro amarrotados?

Revistas muito antigas lidas nos domingos de chuva: A Ilustração Portuguesa, Três Sport, e no Três Sport o campeão do mundo Georges Carpentier em atitude de ataque, de risca ao meio e calções compridíssimos. O adversário usava um bigode de pontas retorcidas, como os alferes do princípio do século que namoravam senhoras em varandas com colchas nas tardes de procissão. As revistas antigas cheiravam a coreto e a zaragatoa, ao pássaro empalhado do farmacêutico republicano que aviava receitas a insultar Deus. A minha avó explicou-me em voz baixa que o farmacêutico, em novo

(e eu seguro de que o farmacêutico nunca fora novo, mentiu-me avó)

tinha sido um alho no jogo do pau, que a avaliar pelas instruções que me forneceu acerca desse desporto me deu ideia de uma espécie de bailado com cacetadas. Se o farmacêutico pilhasse Deus a jeito pregava-lhe uma sova e pêras. No dia de Natal entrava na igreja de mãos na cintura e chapéu na cabeça, a desafiar o Criador:

— Mostra o que vales, anda.

Deus, cheio de paciência, foi-o aturando uns anos, caladinho, até se decidir

(Deus demora tempo a decidir-se)

a fazê-lo escorregar nas escadas. No meu modo de ver foi uma morte à traição. Na tarde do funeral a minha tia para o metrónimo: devia ter amado o farmacêutico em jovem. A prova é que se lhe comprava um xarope a boca dela tremia, e os braços do farmacêutico desenhavam gestos sem sentido. Tratava-a por

— Minha senhora

e até sairmos deixava Deus em paz. Uma ocasião em que a minha tia se esqueceu do guarda-chuva e voltei à loja a buscá-lo dei com o farmacêutico a assoar-se. Enfiou a manga no boião dos rebuçados peitorais e, sem tirar o lenço do nariz, estendeu-me uma porção de cubos que cheiravam a eucalipto e a açúcar, com um senhor de barbas o

professor Malinovski

impresso no papel, dentro de um medalhão cercado de florinhas.

A minha tia corou quando lhos entreguei e guardou-os com precauções de cristal no cofrezito das jóias, quer-se dizer um camafeu sem cercadura e a aliança dos pais. A seguir perguntou-me

— O que estava ele a fazer?

Respondi

— A assoar-se

E ficou séculos na sala a olhar o piano. Li há muito tempo num livro que a pátria de uma mulher é onde se apaixonou. Nessa noite, ao jantar, reparei que a minha tia tinha posto perfume. E a glicínia batia contra os vidros a dizer-nos adeus. Pareceu-me que a glicínia em gestos sem sentido, pareceu-me que um cacho

— Minha senhora

pareceu-me que a minha tia a escutava mas devo ter-me enganado. Enganei-me de certeza: desde quando é que as glicínias se assoam?